

CARACTERIZAÇÃO DO GRANADA LEUCOGRANITOIDE NA REGIÃO DE SÃO JOÃO DO PARAÍSO E SUA UTILIZAÇÃO COMO ROCHA ORNAMENTAL

Rodson de Abreu Marques, *Rafael Carlos Moura Santana, Livia Costa Novello de Mattos, Guilherme Rodrigues Marangon, Marilane Gonzaga de Melo, Edgar Batista de Medeiros Júnior, Tamires Costa Velasco, Caroline Cibele Vieira Soares, Lucas Pequeno Gouvêa, Sebastião Carlos Paes de Assis, Adam Fernandes Barros

*Universidade Federal do Espírito Santo

Na região de São João do Paraíso, noroeste do estado do Rio de Janeiro, ocorrem rochas paraderivadas e granitos diatexíticos do Domínio Cambuci, Faixa Ribeira, como leucogranitoides portadores de granada, associados a paragnaisses. Estes corpos diatexíticos foi denominado de Leucocharnockitoide São João do Paraíso por Tupinambá et al (2007), que representa a migmatização do conjunto metassedimentar da Unidade Cambuci, a qual atingiu o grau de anatexia avançada a ponto de gerar uma rocha diatexítica. Estes corpos de rochas granitoides foram descritos por Costa et al. (1978a) como unidades Vista Alegre, São João do Paraíso e São José de Ubá e, por Heilbron (1993), como diatexitos São João do Paraíso. Duarte et al. (2012) redefiniu a unidade como Suíte São João do Paraíso. O presente estudo tem como objetivo caracterizar petrologicamente o granada leucogranito, bem como as aplicações no mercado de rocha ornamental. Esses granitoides, em geral, são leucocráticos, heterogêneos, foliados e porfíricos. Variam composicionamente de sienogranito a tonalito. Também são encontradas porções leucocráticas homogêneas ou contendo finos níveis de minerais máficos, com porfiroblastos centimétricos de granada. Entretanto, quando são afetadas por zonas de cisalhamento, adquirem texturas protomiloníticas, miloníticas e, menos frequentemente, ultramiloníticas. Exposições tipo encosta de morro e pedreiras são comuns. Sob o microscópio petrográfico, os litotipos desta unidade são, em muitos casos, profiroclásticos com matriz de granulação variando de fina a média. A estrutura é majoritariamente foliada com bandamento composicional onde os níveis máficos, compostos por biotita, não ultrapassam a espessura de 1,5 mm. A textura do tipo granoblástica é a mais evidente, a porfiroblástica e a profiroclástica são subordinadas. É comum a orientação de biotita marcando a foliação da rocha. Esporadicamente, notam-se grãos cominuídos ao redor de grãos maiores e mais antigos de K-feldspato e plagioclásio. Ocorrência de fitas de quartzo são comuns. A mineralogia essencial é dada por quartzo, plagioclásio, K-feldspato, biotita, granada, hornblenda. A sillimanita ocorre em poucas amostras, representando até 5% do volume total. O ortopiroxênio ocorre como mineral varietal. As fases acessórias são representadas pelos minerais opacos, apatita, titanita, zircão, espinélio e epidoto. Muscovita e carbonato compõem a mineralogia secundária. As rochas da SSJP apresentam foram submetidas a altas temperaturas e indicam que o pico do metamorfismo atingiu facies granulito. Tal fato se dá a partir da presença da paragênese, ortopiroxênio (hiperstênio) que pode ter sido gerado pela reação biotita + quartzo (+plagioclásio) = ortopiroxênio + líquido + ilmenita. Além disso, feições como, a textura granoblástica; granada com inclusões poiquiloblásticas de sillimanita, biotita, quartzo e espinélio corroboram o alto grau metamórfico. O granada leucogranito diatexitico ocorre pouco fraturado e alterado, que além da cor branca e a presença de granada centimétrica, o qualificam para um bom exemplar para o mercado de rochas ornamentais.

Referências Bibliográficas

- COSTA, L.M.; BAPTISTA, J.I.; SOUZA, B. Texto explicativo da Folha Geológica São João do Paraíso. Niterói, DRM/RJ. 1978a.
- DUARTE, B.P.; TUPINAMBÁ, M.; NOGUEIRA, J. R.; HEILBRON, M.; ALMEIDA, J. C. H.; PORTO JUNIOR, R.; MENEZES, P. T. L. Unidades Litoestratigráficas. In: Nota explicativa da Folha Itaperuna (SF.24-V-C-I). Programa Geologia do Brasil. Programa Geologia do Brasil. Belo Horizonte: CPRM. 2012.
- HEILBRON, M. Evolução tectôno-metamórfica da seção Bom Jardim de Minas-MG - Barra do Piraí-RJ, setor central da Faixa Ribeira. Tese de Doutorado, IG/USP. 268p. 1993.
- TUPINAMBÁ, M.; HEILBRON, M.; DUARTE, B.P.; NOGUEIRA, J.R.; VALLADARES, C.S.; ALMEIDA, J.C.H; EIRADO, L.G.; MEDEIROS. S.R.; ALMEIDA, C.G.; MIRANDA, A.; RAGATKY, C.D.; MENDES, J.; LUDKA, I.

Geologia da Faixa Ribeira setentrional: Estado da Arte e Conexões com a Faixa Araçuaí. In: Rev. Geonomos 15 (1): 67-79. 2007.